

Apresentação

É com genuína alegria que recebo o convite dos membros do Grupo Psicanalítico de Alagoas – GPAL – para, de alguma forma, fazer parte dos escritos que integram o terceiro número da Revista *Tópica*.

Penso que o significante tópica, que aponta para lugar, demarca o posicionamento ético dos integrantes desta instituição, postura que exhibe um traço de ousadia teórica, uma tentativa de atravessar fronteiras, de dialogar com, ou seja, de buscar pôr em ato a interlocução da psicanálise com campos outros do saber.

A partir da palavra seminal de Sigmund Freud, as diversas vozes autorais que compõem esta coletânea revelam interpretações multifacetadas, liberdade expressiva e temática, recusa a abraçar conceitos estanques e essencializados, abrindo espaço para a inscrição de uma perspectiva única que cada autor/a tem sobre o mundo.

Se é possível afirmar, de acordo com Jacques Lacan, que entre dois sujeitos só há a *palavra* ou a *morte*, a salvação ou a lápide, pode-se entrever que o (dis)curso é o que nos separa, provisoriamente, do aniquilamento psíquico. Assim, a produção textual que estes/as psicanalistas trazem à cena denota que escrevemos para que algo não termine, para que possamos elaborar os temas que nos convocam por meio da urdidura de traçados simbólicos que portam a "vocaçãõ do exílio", no dizer de Betty Fuks, e que sinalizam para a passagem pelo deserto existencial que atravessamos em todo momento de criação.

Por meio do efeito de leitura e reescritura das obras de Freud, Melanie Klein, Winnicott, Lacan e muitos/as outros/as que nos antecederam, busca-se escapar a um saber dogmático, já que toda escrita engendra novos sentidos, significações múltiplas que emergem na linguagem do desejo, uma vez que interpretar, na tradição judaica, é "imprimir alma às letras". Deste modo, a psicanálise como prática de leitura, interpretação e produção teórica põe em cheque a existência de uma verdade plena e daí provém sua carga emancipatória.

Acredito que os diversos tópicos tematizados pelos colegas e amigos/as do GPAL – o divã e os efeitos transferenciais, a dor e sua imbricação com a identidade, o lugar da interpretação na clínica psicanalítica, o percurso do narcisismo, o conceito basilar de pulsão, a problematização da anorexia com uma "nova economia psíquica", os percalços referentes à separação parental, o padecimento físico e os laços determinados pelos destinos pulsionais – não se desvinculam de um efeito de insubordinação, de uma busca de atingir as dimensões da metáfora, pois só através do embate com a linguagem, com a palavra lacunar, pode-se enfrentar o Real que assombra, mas que, em lugar de emudecer, incita, faz falar.

Vale destacar que, segundo os historiadores, a invenção da escrita surgiu há 5000 anos, em algum lugar entre os rios Tigre e Eufrates. A partir desta etapa da evolução humana, a escritura assume sua face revitalizante e mortífera, uma vez que tudo o que serve para escrever, metaforicamente, também serve para matar – plumas, penas –, armas letais, potência de vida e de morte.

Apesar de todo o risco, os/as autores/as da *Tópica* não abrem mão do árduo e minucioso trabalho da escrita, sabendo que falar é arriscar-se a mentir, mas o equívoco é o caminho da verdade, sempre incompleta, como bem nos ensina Freud, o destemido explorador dos desvãos secretos do inconsciente.

Diante disto, desejo, imensamente, que as marcas simbólicas que se configuram nesta publicação possam encontrar ecos, interlocuções, novas texturas de significação, alcancem a capacidade de acionar o sutil movimento que liga o silêncio à possibilidade discursiva, tendo-se em mente a necessidade de desconstruir o saber, já que este porta sempre uma estrutura de ficção.

Na relação significante/significado, que é sempre fluida, sempre pronta a se desfazer, denota-se a inconclusão – conceito tão caro à modernidade – do texto escrito. A Revista *Tópica* nº 3 aguarda, então, seus leitores e leitoras, pois, como afirma o psicanalista francês J.-B. Pontalis,

As palavras, minhas palavras, jamais serão minhas. Mas é preciso ter querido que se tornassem minhas para reconhecer que não pertencem a ninguém e que assim, não tendo dono nem senhor, para sempre estrangeiras, nelas posso me perder e me encontrar.

Jerzúí Mendes Tôrres Tomaz
Psicanalista do Centro de Estudos Freudianos do Recife
Professora do Centro de Educação da UFAL
Membro do Grupo de Pesquisa Multidisciplinar MARE&SAL